

O GÊNERO CANÇÃO: UMA PRÁTICA INTERSEMIÓTICA

Fabiana Castro Carvalho (UFES)

fccfabiana@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo que ora apresentamos constitui uma investigação preliminar acerca do gênero canção. Essa questão é uma das vias de estudo que nortearam a elaboração de nosso projeto de dissertação cujo foco de interesse maior centra-se em questões relativas à análise do *ethos* discursivo em algumas canções de Ataulfo Alves, cantor e compositor cujo centenário de nascimento é comemorado neste ano de 2009.

A noção de gênero tem sido utilizada para denominar vários fenômenos. Gêneros designam suportes, formatos, gêneros em conformidade com os estilos de época da literatura.

Nossa proposta neste artigo é refletir sobre as diversas concepções possíveis de gênero. Para isso, vamos visitar algumas definições propostas por autores conhecidos na Linguística. Os fatores que determinam a classificação desse gênero são basicamente: um texto curto, cantado, formado pela relação entre letra e música, dividido em partes, constituídas por versos, organizados em estrofes.

Primeiramente, consideraremos as concepções de gênero de Meurer (2000), no texto *O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem*; levantaremos, em seguida, os apontamentos de Bakhtin (1997), no texto *Os gêneros do discurso*; além de Marcuschi (2002), no texto *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*, e Ulhôa (1999), na obra *Métrica derramada: prosódia musical na canção brasileira popular*.

Posteriormente, vamos observar como o gênero canção é visto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e examinaremos a proposta de Costa (2001, 2002, 2003), para quem a canção é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico. Refletiremos também sobre a noção de gêneros para Maingueneau (1989, 2008), visto que nossa pesquisa toma a Análise do Discurso como suporte teórico.

Nossa intenção é mostrar que as letras de música (linguagem verbal) somadas à melodia e ao ritmo (linguagem musical) são combinadas no gênero canção e, por isso, não há motivos para observá-las separadamente.

CONCEPÇÕES DE GÊNERO

Este conceito tem sido tomado em épocas distintas por estudiosos da linguagem, os quais lhe dão contornos a partir de sua apreciação valorativa. Assim, apresentaremos alguns autores que já abordaram esse assunto.

Meurer (2000)

Para Meurer (2000, p. 150), “os gêneros textuais constituem textos de ordem tão variada quanto anúncios, convites, atas, [...] cartas, comédias, contos de fada, [...] letras de música entre muitos outros”. Para ele, os gêneros textuais são formas de interação, reprodução e possíveis alterações sociais. Eles constituem processos e ações sociais, além de envolver questões de acesso e poder. Na perspectiva deste autor, as letras de música são um gênero textual. Vale salientar que a linguagem musical não é abordada em sua definição.

Bakhtin (1997)

Para Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são *tipos relativamente estáveis de enunciados* que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana. Os gêneros do discurso constituem-se, portanto, como repertórios de uso da linguagem, atualizados a cada nova enunciação. Essa definição pressupõe a relação dialógica que Bakhtin propõe para a utilização da língua e aponta para a historicidade dos gêneros, bem como para a flexibilidade de suas características e fronteiras. Os enunciados constituem um gênero quando atingem certo grau de estabilidade. Esta é definida através de três elementos: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional.

Marcuschi (2002)

Comungando das idéias de Bakhtin, Marcuschi (2002) considera que a expressão “gênero textual” é vaga para aludir os textos que são encontrados no cotidiano. Segundo este autor:

Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. (Marcuschi, 2002, p. 22-25).

Marcuschi enfatiza o caráter comunicativo do gênero em lugar da forma. Bem como Bakhtin, ele concebe os gêneros textuais como fenômenos históricos, conectados à vida cultural e social que favorecem a ordenação e estabilização das atividades comunicativas do cotidiano. O conteúdo temático, o plano composicional e o estilo seriam, portanto, os três principais elementos que caracterizam o gênero.

Tendo em vista as abordagens de Bakhtin e Marcuschi, podemos apontar na canção – nosso objeto de estudo – os três elementos acima mencionados; comprovamos, assim, que se trata de um gênero, pois possui um tema, um estilo marcado – textos narrativos e descritivos – e uma estrutura composicional – letra e melodia.

Ulhôa (1999)

Importa refletir também sobre o conceito de canção popular e seus elementos sob a ótica de Ulhôa (1999):

Na canção popular, melodia e letra interferem estreitamente uma sobre a outra. Existem elementos na letra, especialmente sua qualidade narrativa ou lírica, que conduzem a diferentes tipos de melodias: existem particularidades na melodia, especialmente seu contomo melódico e tipos de intervalos empregados que marcam o caráter da canção. (Ulhôa, 1999, p. 49).

Para a autora as letras de canções são escritas para serem cantadas, por isso adquirem sentido quando há uma voz que as canta. Partindo da citação acima, que deixa claro que melodia e letra interferem uma sobre a outra na canção, adotamos a postura de entendê-la

como um gênero inseparável, resultado da junção da linguagem verbal e da linguagem musical.

PCNs (1998)

Em conformidade com as definições adotadas anteriormente neste trabalho, segundo os PCNs (1998), “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos as quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1998, p. 21).

Nos PCNs, a canção é considerada um gênero textual literário de natureza oral. Sua composição envolve três elementos: um lingüístico (verbal) e dois outros extralingüísticos (melodia e ritmo, não-verbais).

Costa (2001, 2002, 2003)

À semelhança dos PCNs, no artigo *As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária*, Costa (2002) apresenta a seguinte definição para a canção: “A canção é um gênero híbrido, de caráter **intersemiótico**, pois é o resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia)” (COSTA, 2002, p. 107).

Como vimos, tal definição aborda a composição da canção por elementos distintos, portanto trata-se de um gênero híbrido, que exige três competências: a verbal, a musical e a lítero-musical (capacidade de articular a linguagem verbal e a linguagem musical).

Costa propõe ainda que não olhemos para a canção como um texto exclusivamente verbal e nem exclusivamente musical, mas sim como uma junção das duas linguagens; que trabalhemos com a canção, como um todo (com melodia e ritmo, sem transformá-la em poesia). Costa situa a canção numa fronteira instável que se coloca entre oralidade e escrita, pois contém aspectos das duas, em diferentes graus. Nesse ponto, sua definição se diferencia dos PCNs, que a consideram como gênero de natureza oral.

No artigo *Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa*, Costa (2003) define a canção brasileira como Música Popular Brasileira (MPB) e esclarece que a diferença entre esta e música erudita se deve, basicamente, pelo apego ou não à partitura musical. A canção popular não é presa à partitura como a canção erudita. Na MPB, há uma maior liberdade em relação ao grau de fidelidade que se tem à notação musical.

Em sua tese de doutorado, *A produção do discurso lítero-musical brasileiro*, Costa (2001) parte da hipótese de uma intersemiótica que constitui a comunicação humana. Ele situa o homem como falante e articulador de várias semióticas simultâneas. Haveria, assim, uma categoria de gesto enunciativo, definida como um ato de mobilização de várias competências semióticas (entre elas a verbal) com intenções expressivas, comunicativas e interativas.

Considerando que nossa pesquisa toma por suporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa, vale salientar que cada prática discursiva supõe gestos enunciativos específicos. A prática discursiva lítero-musical, tal como cunhada por Costa, implica gestos típicos como a composição, a interpretação, a gravação, sendo que cada um deles provoca múltiplos atos semióticos. O gesto da composição, por exemplo, inclui fazer versos, musicar, cantar, tocar, etc.

Maingueneau (1989, 2005)

Sobre a noção de gênero, Maingueneau afirma que “cada ‘gênero’ presume um contrato específico pelo ritual que define” (Maingueneau, 1989, p. 34) e que esta noção é complexa, já que um texto se encontra, geralmente, na interseção de vários gêneros. É preciso considerar, além disso, que o gênero define as condições de utilização dos textos derivados dele:

O fato de um poema ser destinado a ser cantado, acompanhado por um instrumento de certo tipo, lido em voz alta em uma reunião social, ou percorrido pelos olhos solitariamente, consumido nesse ou naquele outro tipo de circunstâncias... tem uma incidência radical sobre seu tamanho, seu recorte em estrofes, suas recorrências etc... (Maingueneau, 2005, p. 134)

Desse modo, consideramos – como sugere Maingueneau – que a identidade de um gênero só pode ser compreendida pensando a relação deste com seus outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos em Meurer que o termo *gênero* se refere a textos de ordem variada; para Bakhtin e Marcuschi são três os elementos que caracterizam um gênero – conteúdo temático, o plano composicional e o estilo – o que nos leva a concluir que a canção é um gênero, pois apresenta tais elementos.

Verificamos ainda que Ulhôa aponta para a canção como um gênero que é resultado da união entre a linguagem verbal e a linguagem musical; nos PCNs o gênero canção é tratado como um gênero textual literário de natureza oral; e Costa toma a canção como um gênero híbrido, de caráter intersemiótico.

Observamos também que, para Maingueneau, o gênero define as condições de utilização dos textos dele derivados e que a identidade do gênero não pode ser pensada senão na sua relação com seus outros.

Tendo em vista as características acima apontadas sobre a canção, entendemos que este é um gênero riquíssimo, pois apresenta um caráter intersemiótico e oferece a possibilidade de se lidar com universos textuais conhecidos, além de garantir abordagens interdisciplinares e a oportunidade para a discussão das diferenças culturais a partir dos usos lingüísticos neles documentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. **In:** *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins fontes, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Nelson Barros da. *A produção do discurso lítero-musical brasileiro*. São Paulo: 2001. Tese (Doutorado) – PUCSP

———. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. **In:** DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.107-121.

———. *Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa*. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão. 1(1) p.9-36, 2003.

GADA, Ana Lúcia Colodetti. *A canção no livro didático de língua portuguesa*. Maringá, 2005. Dissertação (Mestrado) – UEM

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

———. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes: Unicamp, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **In:** DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. **In:** FORTKAMP, M. B. M.; TOMMITCH, L. M. B. (Orgs.). *Aspectos da lingüística aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000, p.149-166.

ULHÔA, M.T. Métrica derramada: prosódia musical na canção brasileira popular. *Brasileira*. Rio de Janeiro, 2 p. 48-56, maio 1999.